



www.delfimsantos.org

Evocação de Delfim Santos

M.^a Manuela de Sousa Marques Pinto dos Santos (1990, 2011)

Uma primeira versão manuscrita foi redigida em 1990 e foi depois revista e ampliada em 2011.

Delfim Pinto dos Santos nasceu a 6 de novembro de 1907 na Rua do Sol, no Porto, filho de um artista ourives, Arnaldo Pinto, e de Amélia dos Santos Oliveira Pinto, doméstica. Foi batizado na Sé do Porto, tendo o padrinho que o seu pai escolheu o nome de Delfim. Não era nome existente na família.

Quando juntos visitámos o Porto em 1957 Delfim não me soube indicar na Rua do Sol qual era a casa onde nascera e tinha tido seu pai a oficina. Este pai que ele venerava fora educado pela avó de Delfim, Rosalina, que, ao que entendi, era governanta de uma casa rica e era convictamente monárquica. Tenho dois púcaros com pinturas da Invicta que lhe pertenceram. O pai do artista Arnaldo julgo que era desconhecido deste e constava que era malquisto da mãe e, além disso, de condição social inferior, como se comprova pela profissão constante nos registos de nascimento em posse da família: era jornaleiro, trabalhador rural.

O pai Arnaldo, pelo contrário, foi bem-sucedido na vida, apesar de ter morrido muito jovem. Era infatigável na sua arte, especialista no fabrico de castões de prata para bengalas, e vivia para a sua família: a mulher, o primogénito Delfim e a filha Arminda que morreu de tuberculose muito jovem. Conseguiu comprar alguns prédios para rendimento e uma boa casa na Rua de São Miguel 31, perto do antigo Convento (transformado em prisão desde que Delfim conhecia o edifício, mas ainda assim o edifício continuava a ser chamado Convento de S. Bento da Vitória, no centro da cidade e perto do Jardim da Cordoaria). Esta casa já eu conheci: tinha um grande quintal nas traseiras com um limoeiro e uma tartaruga.

Foi nessa casa desafogada e de dois pisos que cresceu o futuro filósofo e pedagogo a quem o pai ensinou a transformar ouro em arte ao mesmo tempo que fazia a instrução primária e aprendia francês e inglês com um major que morava na mesma rua. A mãe era originária de uma família de tecelões de Ançã, perto da Régua. Ela tinha pelo menos mais duas irmãs, uma das quais eu conheci: a Tia Deolinda que casara rica e tinha uma bela casa na Pala do Douro com a filha, a Prima Aldinha que ficara com uma ligeira deformação devido a um acidente na infância. Não longe desta casa chamada “Belo Horizonte” (indicando a cidade onde Deolinda vivera nos tempos em que emigrara para o Brasil) ficava o solar “Napoleão” do nome do marido de uma



www.delfimsantos.org

outra irmã. Os filhos mais velhos do Delfim conheceram bem este lado da família pois passaram alguns verões em casa da Tia Deolinda quando eram pequenos e os pais estavam já separados.

Conheci melhor uns primos do Delfim, o Tomás Cardoso e a mulher, Rosa Carneiro Cardoso, com quem nos demos muito sempre que íamos ao Porto e eles vinham a Lisboa. O Tomás Cardoso era proprietário da mais importante casa de eletrodomésticos situada na Rua de Santa Catarina, 217. Nos anos 60 toda a gente conhecia aquela loja onde trabalhavam os filhos mais velhos do Primo, já que os mais novos eram ainda pequenos.

Mantive contacto com a Prima Rosa (nascida a 14 de fevereiro) mesmo depois de ela enviuar e ter ido viver com o filho dela, João Carneiro Cardoso, médico. Ela era uma pessoa encantadora e acolhedora ao máximo, e ambos tinham imenso orgulho em serem primos em 2º ou 3º grau do Delfim. Moravam na Avenida Marechal Carmona nº 1105, mas mais tarde compraram outra casa também em Vila Nova de Gaia. A dada altura perdi a ficha do telefone dela quando ela já estava velhinha em casa do filho João.

Tenho muita pena de ter já esquecido recordações que Delfim me contou a propósito de lugares visitados ou de encontros com amigos dele. Apraz-me mencionar a Alda Luís Gomes e o Sr. Francisco Sampaio, proprietário de uma famosa ourivesaria no Porto. Todos eles nossos companheiros de jantares e serões e sempre presentes nas conferências de Delfim no Porto. A Alda, à data do nosso casamento e enquanto o pai dela foi vivo, mantinha a casa aberta para um intenso convívio da elite intelectual do Porto. Ali, na antiga e bem portuense casa estreita e alta de três andares, se reuniam poetas, filósofos, cientistas, políticos, historiadores, enfim, todos quantos tinham nome e outros que o haveriam de ganhar como o poeta Eugénio de Andrade, e outros ainda de ilustre ascendência como a Isabel Guerra Junqueiro, filha do Poeta que Eça chamava 'irmão de Juvenal'. Isabel, que pertencia ao nosso círculo, mostrou-nos pessoalmente o museu que ela organizou à memória de seu pai. Também comparecia Maria da Glória Teixeira de Vasconcelos, que mais tarde escreveu as memórias sobre o seu irmão Teixeira de Pascoaes.

De entre os mestres de Delfim na Faculdade de Letras do Porto foi perene a admiração que ele votou a Leonardo Coimbra e que teve continuidade na amizade pelo filho deste, Leonardo Augusto, com quem convivemos muito e com a Odete, sua mulher. Ele morreria depois em condições trágicas na Guiné. E recordo muito a amizade quase filial que ligava Delfim a esse grande esquecido que foi o Prof. Luís Cardim, que nessa época vivia na sombra, numa miséria envergonhada. Delfim tudo fez por aquele que fora o último diretor da Faculdade de Letras do Porto e que estava então em circunstâncias de grande pobreza e abandono depois de uma vida de brilhante professor, anglicista e germanista de grande mérito e tradutor exímio de



www.delfimsantos.org

Shakespeare, como recentemente vi confirmado por Eugénio Lisboa (*Indícios de Oiro* 1, 2009, 99-106). Delfim tentou ajudar até ao fim este seu antigo professor, material e moralmente, com uma delicadeza e uma devoção ímpares: desde pormenores materiais como roupa, até à edição dos seus trabalhos e visitas ao filho em tratamento mental (ver cartas da correspondência de Delfim para Cardim), tudo Delfim fazia para tentar mitigar o escândalo de ver reduzido à miséria um homem de extrema bondade, erudição e categoria humana invulgares. Não esqueço que a primeira visita que fizemos ao Porto no dia seguinte ao do nosso casamento foi à modesta morada desse grande amigo que eu tive o privilégio de ainda conhecer, e que recorde de franzina estatura e já muito debilitado pelo sofrimento e pela doença e acomodado sempre ao infortúnio. Talvez um dia, através da edição integral da correspondência que trocaram, se possa vir a conhecer em parte o terno respeito que Delfim votou a esse seu mestre cuja vida foi um calvário de desgostos e privações e que o considerava como um filho porque dele recebeu sempre uma ajuda carinhosa que evitou que ele tivesse que estender a mão à caridade. Sempre que Delfim se referia com revolta à extinção da Faculdade de Letras do Porto - a mítica Faculdade de Leonardo e de outros grandes mestres e não a de agora - não esquecia a comovida homenagem que entendia devida ao seu último diretor.

Dos seus contemporâneos e condiscípulos conviria citar entre os mais famosos Agostinho da Silva, Adolfo Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro, José Marinho e Sant'Anna Dionísio. De uma época ulterior, correspondente à da sua estadia em Coimbra, cabe nomear os 'presencistas', com destaque para José Régio, Gaspar Simões (este um amigo de toda a vida, acompanhado nos últimos tempos de convívio connosco pela escritora Isabel da Nóbrega) e Branquinho da Fonseca. Ainda em Coimbra ficou a amizade com o Prof. Cabral de Moncada, que paraninhou o seu doutoramento. A sua ida para o estrangeiro deveu-se na época ao interesse e confiança de Francisco Leite Pinto.

Mais tarde, ao regressar a Lisboa, aumentou consideravelmente o número das suas amizades de modo que se torna impossível enumerá-las. Aliás o grau de intimidade era diferente entre amigos como Carlos Queiroz, Natália Correia, Luís Forjaz Trigueiros, Fernanda de Castro, Natércia Freire, Cunha Leão, Augusto de Castro, José Osório de Oliveira, Domingos Monteiro, Jorge Tavares Rodrigues, o escultor Martins Correia, o casal Antero e Graça Miranda Mendes e tantos outros. Pode-se bem dizer que ele tinha amigos em todos os quadrantes da vida portuguesa.

Durante uma certa fase convivemos também muito com António Luís Gomes e com António José Brandão que, com a sua mulher, foram nossos padrinhos de casamento e a quem em dada ocasião ele tinha nomeado seu testamenteiro.

Na Faculdade de Letras o seu maior amigo foi o Prof. Oliveira Guimarães, além dos profs. Vieira de Almeida, Vitorino Nemésio e Hernâni Cidade (este último viera



www.delfimsantos.org

também da Alma Mater portuense). Na Faculdade de Direito os mais próximos foram os profs. Marcelo Caetano e Galvão Telles.

Entre os amigos estrangeiros menciono os profs. Hermann Wein, Ernesto Grassi, Fritz-Joachim von Rintelen, Robert Maistriaux, Miguel Reale, reitor da Universidade de São Paulo e Luís Washington Vita. Correspondia-se com muitos outros.

No campo da medicina há que realçar particularmente os amigos profs. Pulido Valente, Miller Guerra, Vítor Fontes e Ribeiro Santos, sem falar é claro nos laços de antiga e constante amizade que o ligaram a Barahona Fernandes. Sempre conseguiu conciliar as suas múltiplas atividades e o sacerdócio que era para ele a docência com o convívio e uma dedicação aos amigos em muitas ocasiões sobejamente comprovada.

Tinha uma capacidade espantosa para descobrir o melhor que cada um de nós guarda em si e que provinha da sua imensa fé no ser humano. Valeu-lhe esta dádiva várias desilusões que nunca chegaram à radicalidade do desprezo. A fonte da confiança era sempre renovada e daí provinha a sedução da linguagem e dos gestos da sua comunicação.

Nunca deixou de considerar apenas como adversários ocasionais aqueles que foram seus inimigos, porque os teve, já que os arbustos temem a sombra da árvore. Em relação aos que o impediram a ele, doutorado em Filosofia e com um currículo brilhantíssimo, de reger cadeiras de filosofia na Universidade, mostrou sempre uma tolerância excecional. A sua capacidade de compreensão das diferenças dos outros, além de reveladora de um radical anti-dogmatismo, era o indício de uma sensibilidade e de uma generosidade que poucos atingem. Mas do ponto de vista intelectual não abdicava do rigor e o que mais prezava em si como nos outros era a autenticidade.

No nosso tempo de casados já Delfim não praticava qualquer desporto de que fora tão entusiasta nos primeiros tempos da sua vida. Mas recordo a emoção com que a 23 de julho de 1966, ano da sua morte, íamos nós a ouvir o relato pelo rádio do carro a caminho do Restelo, saudou o feito de Eusébio no desafio contra a Coreia do Norte com um misto de entusiasmo desportivo e nacional.

Quando Delfim faleceu entendi que ele teria preferido voltar depois da vida à sua terra natal e à proximidade dos restos mortais de seus pais e irmã que sempre visitávamos para depor flores quando íamos ao Porto. Assim eles estão todos no Cemitério do Prado do Repouso, e o ossário de Delfim é o nº 5871 e é perpétuo. Os de Arminda Pinto dos Santos e Arnaldo Pinto e o de Amélia dos Santos Oliveira Pinto têm no mesmo cemitério os números 2848 e 2849.

Dizem que Agostinho da Silva, místico, viveu a liberdade em dimensão extraordinária. O Delfim é o expoente de um equilíbrio entre a liberdade e a



www.delfimsantos.org

formatação social. Ou talvez de uma tensão constante entre ambas. Viveu desde cedo essa tensão entre essência e existência que ele tornou visível na sua trajetória de vida e pensamento como poucos do seu tempo, que maioritariamente se inclinavam para um ou para outro polo.

Manuela Santos